

**SITUAÇÕES ESTRESSANTES DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS DE UM HOSPITAL ESCOLA**  
**STRESSFUL WORK SITUATIONS FOR NURSES AT AN UNIVERSITY'S HOSPITAL**  
**SITUACIONES ESTRESANTES DE TRABAJO DE LOS ENFERMEROS DE UN HOSPITAL**  
**ESCUELA**

Isabella Saiki Navarro de Souza<sup>1</sup>  
Fábio José da Silva<sup>2</sup>  
Roseane Lins Vasconcelos Gomes<sup>3</sup>  
Iracema da Silva Frazão<sup>4</sup>

**RESUMO:** **Objetivo:** analisar as situações estressantes de trabalho dos enfermeiros de um hospital-escola. **Método:** estudo transversal que utilizou um recorte do banco de dados de uma pesquisa de mestrado sobre o tema. A amostra foi constituída por 73 Enfermeiros de um hospital-escola da cidade de Recife, Pernambuco. As informações sobre as situações estressantes de trabalho foram coletadas por meio da versão resumida da Escala de Karasek (*Job Stress Scale*). Para a análise dos dados foi utilizado o teste Qui-quadrado e o teste Exato de Fisher. **Resultados:** apenas o setor de trabalho teve associação estatística significativa com a exposição a situações estressantes ( $p$ -valor = 0,05). **Conclusão:** os resultados obtidos sugerem que os enfermeiros vivenciam situações estressantes de trabalho. Entretanto, recomenda-se a realização de novos estudos para obtenção de estimativas mais representativas, que explorem o estresse ocupacional e outros fatores não abordados neste estudo.

**Descritores:** Esgotamento profissional; Enfermagem; Saúde do trabalhador.

**ABSTRACT:** **Aim:** to analyze stressful situations of nurses working in a university hospital. **Method:** cross-sectional study that used a part of a data bank from a master dissertation regarding the topic. The sample consisted of 73 nurses of a university hospital in the city of Recife, Pernambuco. Information about stressful work situations were collected through the summarized version of the Scale of Karasek (*Job Stress Scale*). For data analysis we used the chi-square test and Fisher exact test. **Results:** only the job sector had a statistically significant association with exposure to stressful situations ( $p$ -value = 0.05). **Conclusions:** obtained results suggest that nurses experience stressful work situations. However, it is recommended to conduct further studies to obtain more representative estimates, which explore occupational stress and other factors not addressed in this study.

**Descriptors:** Burnout, professional; Nursing; Occupational health.

**RESUMEN:** **Objetivo:** analizar las situaciones estresantes de trabajo de los enfermeros de un hospital escuela. **Método:** estudio transversal que utiliza un recorte de la base de datos de una investigación de Maestría sobre el tema. La muestra consistió de 73 enfermeros de un hospital escuela en la ciudad de Recife, Pernambuco. Las informaciones fueron recolectadas utilizando la versión resumida de la Escala de Karasek (*Escala de*

<sup>1</sup>Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil. E-mail: isinhasaiki@gmail.com

<sup>2</sup>Enfermeiro graduado pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil. E-mail: enf.fabio2011@gmail.com

<sup>3</sup>Enfermeira, mestre em saúde coletiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil. E-mail: roseane\_lgv@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Enfermeira Doutora professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil. E-mail: isfrazao@gmail.com

*Estrés laboral). Para el análisis de datos fue utilizado la prueba de chi-cuadrado y la prueba exacta de Fisher. Resultados: el sector laboral tuvo una asociación estadísticamente significativa con la exposición a situaciones de estrés (p-valor = 0,05). Conclusión: los resultados obtenidos sugieren que los enfermeros experimentan situaciones estresantes de trabajo. Sin embargo, se recomienda realizar nuevos estudios para obtener estimaciones más representativas que exploran estrés laboral y otros factores que no fueron abordados en este estudio.*

*Descriptorios: Agotamiento profesional; Enfermería; Salud laboral.*

## INTRODUÇÃO

Para entender como o estresse acomete o trabalhador, faz-se necessário compreender o conceito de alguns termos e as relações que se estabelecem entre o trabalhador e o seu ambiente de trabalho. Entendendo o que é trabalho, o que é estresse e como ambos se relacionam na contemporaneidade, será possível ter uma visão mais ampla dos possíveis riscos com os quais o trabalhador poderá se deparar no ambiente de atuação profissional.

Sobre o trabalho, entende-se essa ação como uma ferramenta que o homem utiliza para modificar a natureza e extrair os bens necessários a suas atividades cotidianas.<sup>1</sup> Trabalhando, o homem desenvolve pensamentos, amadurece ideias, constrói a história e as relações sociais. O labor é, portanto, fonte de sonhos, aspirações e desejos.<sup>2</sup>

Seus determinantes são constituídos a partir das complexas interações entre ferramentas e relações sociais; tecnologia e sociedade.<sup>3</sup> É, pois, “ideal” que o ambiente laboral seja um espaço de relações, onde o ser humano seja visto holisticamente, possa desenvolver sua capacidade criativa de pensamento, de envolver-se, de mostrar-se e de exteriorizar-se, tornando-se um ser social, em constante formação e transformação.<sup>1,4-5</sup> Vale salientar que a organização e as condições do trabalho colaboram para o desenvolvimento psíquico, mobilizando afetividades (sentimentos) e o relacionamento entre as pessoas. Havendo falta ou irregularidade em ambas, o trabalhador poderá sofrer de desgaste mental e físico.<sup>6</sup>

Em contrapartida, o trabalho contemporâneo, devido a sua evolução organizacional e à consequente implementação de novas estratégias, também pode ser fonte de desgastes psíquicos, haja vista a pressão produtiva exercida sobre o trabalhador.<sup>7</sup>

Sobre o estresse, esse termo foi inicialmente utilizado no século XIV para expressar aflição e adversidade.<sup>8</sup> Posteriormente, passou a designar um fenômeno mais complexo composto de tensão-angústia-desconforto.<sup>9</sup> Foi só em 1936 que, influenciado por dois fisiologistas, Bernard e Cannon e seus estudos sobre homeostase, que Hans Selye sugere a palavra *estresse* para definir uma síndrome produzida por vários agentes aversivos,<sup>10</sup> a qual causa incômodo, desprazer e dor emocional.<sup>11</sup>

Atualmente, o estresse é definido como uma síndrome geral de adaptação;<sup>12-13</sup> um processo psicofisiológico extremamente complexo que tem em sua constituição a necessidade de um organismo reagir face a algo que ameace a sua homeostase.<sup>8</sup> Essa reação é ativada com o objetivo de preparar o organismo para enfrentar situações percebidas como difíceis.<sup>10</sup> Logo, o estresse, em nível adequado, é fundamental para a existência da espécie humana, auxiliando na sobrevivência e no enfrentamento das mais variadas situações de ameaça. No entanto, se o indivíduo for submetido a uma situação de forte tensão, e os mecanismos de enfrentamento e a atividade cognitiva utilizada para interpretar eventos ambientais não forem satisfatórios, ele pode entender o estímulo como uma ameaça havendo, portanto, uma sobrecarga de estresse. Se esta for intensa e contínua, pode não existir uma adaptação adequada, e a doença pode sobrevir.<sup>9,12</sup>

Contudo, dentro da perspectiva do trabalho, o estresse não pode ser observado apenas como uma síndrome adaptativa, pois decorre da relação de uma pessoa com o

ambiente de trabalho e com as circunstâncias às quais está submetida. Nesse contexto, o indivíduo entende o trabalho como algo que exige mais do que seus recursos e habilidades e o ambiente de trabalho como ameaçador, o que põe em xeque seu bem-estar.<sup>12</sup>

Nas últimas décadas, vem crescendo o interesse pelo estudo do estresse ocupacional, sendo criados diversos modelos na tentativa de avaliar o trabalho e seus efeitos sobre a saúde do trabalhador. Inicialmente, as pesquisas eram baseadas em dados unidirecionais, as quais abordavam as demandas das tarefas e, algumas vezes detinham-se nas demandas versus a capacidade do trabalhador em enfrentá-las. Outras dimensões, como o controle sobre o trabalho não eram analisadas.

No final da década de 70, Robert Karasek propôs um modelo de investigação denominado Modelo Demanda-Controle (*Demand-Control Model*). Esse modelo relaciona dois aspectos psicossociais do trabalho: a demanda psicológica e o controle sobre o trabalho, além de associá-los a aspectos referentes ao risco de adoecimento pelo trabalhador.<sup>14-15</sup> A demanda psicológica refere-se às exigências psíquicas do trabalho (pressão do tempo, nível de concentração, interrupção das tarefas, necessidade de esperar por outros profissionais para a resolução de atividades). O Controle relaciona-se ao uso de habilidades e à tomada de decisões seguindo as políticas gerenciais.<sup>15</sup> Nesse modelo, o ambiente psicossocial do trabalho é avaliado a partir das relações da Demanda e do Controle, cujos níveis variam de baixo a alto. Com isso, compõem-se quatro variáveis que sugerem os diferentes riscos à saúde (Quadro 1):<sup>15</sup>

**Quadro 1** - Configurações do Modelo Demanda-Controle de Karasek

|                  |  |
|------------------|--|
| Alta exigência   | Configurado por alta demanda e baixo controle, o trabalhador apresenta elevado desgaste psicológico.   |
| Trabalho ativo   | Alta demanda e alto controle, o trabalhador tem autonomia sobre o trabalho, e, embora ele seja menos nocivo, a alta demanda pode trazer prejuízos à saúde do trabalhador.  |
| Trabalho passivo | Baixa demanda e baixo controle. Essa configuração pode deixar o trabalhador “atrofiado”, pois não gera estímulo necessário à procura de novos conhecimentos e habilidades. |
| Baixa exigência  | Baixa demanda e alto controle: configuração ideal para o trabalho.   |

O estresse ocupacional resulta de altas demandas e baixo controle para o trabalho, perpassando por um baixo apoio social dispensado pelos colegas de trabalho e chefias. Trabalhadores incluídos nessa configuração estão propensos a desenvolver estresse ocupacional e todas as enfermidades que ele pode trazer devido ao desequilíbrio psicoemocional.<sup>15</sup>

Sobre as situações de trabalho, o desenvolvimento das atividades de enfermagem, geralmente, acontece em ambiente hostil, onde pode haver constante exposição a agentes químicos, físicos e biológicos, o que acentua ainda mais a tensão sobre o trabalho, devido aos riscos de acidente. Os fatores ligados ao ambiente, à ergonomia e ao risco constante de acidentes e possível contaminação justificam a tensão e ansiedade, as quais se tornam evidentes, visto que a assistência da equipe de enfermagem está voltada para clientes com doenças transmissíveis, crônicas, traumas agudos e enfermidades terminais ou com risco de morte.<sup>16</sup>

A esse cenário, somam-se a excessiva carga horária de trabalho, a falta de apoio social, a responsabilidade da gerência sobre o setor, as possíveis relações conflituosas com os demais membros da equipe de enfermagem e/ou com a equipe multiprofissional, as demandas do paciente e da instituição, a falta de material, o dimensionamento de pessoal,<sup>9</sup> entre outros.

Ante o exposto, este estudo foi realizado com a finalidade de alertar os profissionais de Enfermagem para o melhor cuidado com a sua saúde e bem-estar, uma vez que, na assistência ao cliente, esses profissionais podem expor-se a agentes causadores de estresse, ficando suscetíveis a desenvolver alterações psíquicas e/ou físicas. Sabe-se que uma das

principais funções do enfermeiro é a assistência para a promoção e a reabilitação da saúde das pessoas. Entretanto, apesar de ser uma das funções primordiais da enfermagem, observam-se com muita frequência descuido e negligência desses profissionais com sua própria saúde submetidos, muitas vezes, a condições inóspitas de trabalho sem qualquer questionamento.

Diante disto, o presente estudo teve por objetivo analisar as situações estressantes de trabalho dos enfermeiros de um hospital-escola. Para isso, propõe-se a seguinte questão norteadora: existe associação entre as situações estressantes de trabalho e as características ocupacionais dos enfermeiros de um hospital-escola?

## MÉTODO

O estudo foi realizado a partir de um recorte do banco de dados de uma pesquisa de mestrado sobre absenteísmo por doença e condições estressantes de trabalho dos profissionais de Enfermagem.<sup>17</sup> A pesquisa original é um estudo de corte transversal com dados coletados entre Junho e Agosto de 2010, mas referentes ao ano de 2009.

A pesquisa foi realizada em um hospital-escola da cidade do Recife, Pernambuco. A amostra referente ao recorte do banco foi composta por todos os 73 enfermeiros da pesquisa original, selecionados de maneira aleatória e estratificada por setor de trabalho. Participaram do estudo os enfermeiros que tinham vínculo formal com a instituição e que estavam trabalhando no hospital-escola há mais de seis meses. Para o cálculo da amostra da pesquisa original foi utilizado o programa Epi info versão 6 (módulo Epi table), considerando um poder de teste de 90%, uma prevalência estimada de absenteísmo por doença de 50% e uma razão de prevalência de 1,5.<sup>17</sup>

As informações sobre as situações estressantes de trabalho foram coletadas através da versão resumida por Theorel da Escala de Karasek (*Job Stress Scale- JSS*), adaptada para o português.<sup>18-19</sup> Foram considerados como variáveis independentes: os dados do perfil sociodemográfico e os dados relacionados às características profissionais e como variável dependente: a exposição às situações estressantes de trabalho dos enfermeiros.

Avaliaram-se como expostos às situações estressantes de trabalho os enfermeiros que tinham trabalho de alto desgaste (alta demanda e baixo controle), trabalho ativo (alta demanda e alto controle) ou trabalho passivo (baixa demanda e baixo controle). Os enfermeiros que tinham trabalho de baixo desgaste (baixa demanda e alto controle) foram considerados como não expostos.

O julgamento das dimensões de trabalho demanda e controle foi realizado a partir da soma dos pontos (escores) dos conjuntos de itens relacionados na versão resumida do instrumento JSS. Cada item variava de um a quatro pontos em uma escala tipo Likert. Adotou-se como ponto de corte as medianas de cada uma das dimensões de trabalho. A partir disso, as dimensões de trabalho foram classificadas em “alta” ou “baixa”, conforme os resultados dos escores: acima ou igual/abaixo das medianas, respectivamente. A confiabilidade do instrumento JSS foi avaliada pelo coeficiente *Alpha de Cronbach*, o qual apresentou valor de 0,72 (boa consistência interna) para a dimensão demanda e 0,48 (baixa consistência interna) para a dimensão controle.

Para análise univariada, utilizaram-se as seguintes medidas estatísticas: média e desvio padrão para as variáveis quantitativas, frequência absoluta e relativa para as variáveis categóricas. Os fatores associados ao estresse foram analisados utilizando o teste Qui-quadrado para independência. Nas situações em que as suposições do teste Qui-quadrado para independência não foram satisfeitas, foi aplicado o teste Exato de Fisher. Considerou-se um nível de significância de 5%. Além disso, foi calculada a razão de prevalência. O *software* utilizado no processamento dos dados foi o SPSS versão 13.0.

Em conformidade com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que trata da pesquisa realizada com seres humanos, o estudo original foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de



Pernambuco, com CAAE nº 0246.0.000.172-10. Todos os enfermeiros entrevistados foram orientados sobre a pesquisa e assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## RESULTADOS

Foram avaliados 73 enfermeiros de um hospital-escola da cidade de Recife, Pernambuco. A maioria desses profissionais era do sexo feminino (94,5%; n = 69,0), tinha idade entre 35 a 45 anos (42,5%; n = 31,0), era casada ou possuía união estável (61,6%; n=45,0), tinha filhos (69,9%; n = 51,0), trabalhavam no hospital há mais de cinco anos (98,6%; n = 72,0), trabalhava mais de 44 horas semanais (50,7%; n = 37,0), em turno diurno e noturno (47,9%; n = 35,0) e trabalhava na Unidade Especializada (47,9%; n = 35,0). Dos enfermeiros do sexo feminino, 73,9% (n = 51,0) apresentaram exposição às situações estressantes de trabalho, enquanto no sexo masculino esse percentual foi de 50% (n = 2,0) (p-valor= 0,301).

Quanto à idade, 75% (n = 12,0) dos enfermeiros com idade menor que 35 anos foram classificados como expostos às situações estressantes de trabalho. A idade média do grupo de enfermeiros expostos foi de 42,1 anos e, no grupo de enfermeiros que não foram expostos às situações estressantes de trabalho, a média foi de 43,7 anos (p-valor= 0,889).

Com relação ao estado civil, 81,3% (n = 13,0) dos enfermeiros solteiros foram considerados expostos às situações estressantes de trabalho, enquanto no grupo de enfermeiros casados ou com união estável e separados ou viúvos o percentual de expostos foi de 71,1% (n = 32,0) e 66,7% (n = 8,0) respectivamente. Assim como na faixa etária, mesmo sendo observadas as diferenças percentuais, o teste não foi estatisticamente significativo (p-valor= 0,695).

No grupo de enfermeiros que possuíam filhos, o percentual de expostos às situações estressantes de trabalho foi de 68,6% (n = 35,0) enquanto no grupo de enfermeiros que não possuíam filhos o percentual de expostos foi de 81,8% (n = 18,0) (p-valor= 0,246) (Tabela 1).

**Tabela 1-** Distribuição dos dados sociodemográficos dos enfermeiros que trabalhavam no hospital-escola. Recife, 2009.

| Variável                     | Exposição ao estresse ocupacional |                 | Total           | RP   | p-valor            |
|------------------------------|-----------------------------------|-----------------|-----------------|------|--------------------|
|                              | 1 - Sim                           | 2 - Não         |                 |      |                    |
| <b>Sexo</b>                  |                                   |                 |                 |      |                    |
| Feminino                     | 51 (73,9)                         | 18 (26,1)       | 69(94,5)        | 1,48 | 0,301 <sup>2</sup> |
| Masculino                    | 2 (50,0)                          | 2 (50,0)        | 4(5,5)          | -    |                    |
| <b>Idade</b>                 |                                   |                 |                 |      |                    |
| Menor que 35 anos            | 12(75,0)                          | 4(25,0)         | 16(21,9)        | 1,08 | 0,889 <sup>1</sup> |
| 35 a 45 anos                 | 23(74,2)                          | 8(25,8)         | 31(42,5)        | 1,07 |                    |
| Acima de 45 anos             | 18(69,2)                          | 8(30,8)         | 26(35,6)        | -    |                    |
| <i>Média ± Desvio padrão</i> | <i>42,1±8,3</i>                   | <i>43,7±9,1</i> | <i>42,5±8,5</i> |      |                    |
| <b>Estado Civil</b>          |                                   |                 |                 |      |                    |
| Solteiro                     | 13(81,3)                          | 3(18,8)         | 16(21,9)        | 1,22 | 0,695 <sup>2</sup> |
| Casado/União Estável         | 32(71,1)                          | 13(28,9)        | 45(61,6)        | 1,07 |                    |
| Separado/viúvo               | 8(66,7)                           | 4(33,3)         | 12(16,4)        | -    |                    |
| <b>Filhos</b>                |                                   |                 |                 |      |                    |
| Sim                          | 35(68,6)                          | 16(31,4)        | 51(69,9)        | -    | 0,246 <sup>1</sup> |
| Não                          | 18(81,8)                          | 4(18,2)         | 22(30,1)        | 1,19 |                    |

<sup>1</sup>p-valor do teste Qui-quadrado para independência

<sup>2</sup>p-valor do teste Exato de Fisher

Quanto ao tempo de trabalho, um enfermeiro trabalhava na instituição no período de dois a cinco anos, e este foi classificado como exposto às situações estressantes. No grupo de enfermeiros que trabalhavam a mais de cinco anos na mesma unidade hospitalar, 72,2% (n = 52,0) apresentaram exposição às situações estressantes de trabalho. Mesmo sendo observada essa diferença percentual, novamente o teste não foi estatisticamente significativo (p-valor = 1,000).

Com relação à carga horária, 100% (n = 2,0) dos enfermeiros que trabalhavam menos de 25 horas semanais foram classificados como expostos às situações estressantes de trabalho. Os percentuais de expostos no grupo de enfermeiros que trabalharam de 25 a 44 horas semanais e mais de 44 horas semanais foram de 70,6% (n = 24,0) e 73,0% (n = 27,0) respectivamente (p-valor= 1,000).

No grupo de enfermeiros que trabalhavam no turno noturno, o percentual de expostos a situações estressantes de trabalho foi de 100% (n = 4,0). No grupo de enfermeiros diurnos e enfermeiros que trabalhavam nos dois turnos, esse percentual foi de 76,5% (n = 26,0) e 65,7% (n = 23,0) respectivamente. Mesmo sendo observadas as diferenças percentuais do estresse nesses grupos, o teste não foi estatisticamente significativo (p-valor= 0,354).

Quanto ao setor de trabalho, todos os enfermeiros (n = 9,0) que trabalhavam na Unidade de Tratamento Intensivo apresentaram exposição às situações estressantes de trabalho, bem como os enfermeiros que trabalhavam na Unidade Especializada (77,1%, n = 27,0), no Centro Cirúrgico, no Ambulatório e no Serviço de Pronto Atendimento (ambos com 66,7%) e no Serviço de Apoio Hospitalar (37,5%; n = 3,0). Ao avaliar o teste de independência, verificou-se que o valor foi muito próximo da significância (p-valor = 0,050), e essa avaliação indica que o setor de trabalho pode ser considerado uma variável importante na exposição ao estresse (Tabela 2).

**Tabela 2-** Distribuição dos dados referentes às características laborais dos enfermeiros do hospital-escola. Recife, 2009.

| Variável                                    | Exposição ao estresse ocupacional |          | Total    | RP   | p-valor            |
|---|-----------------------------------|----------|----------|------|--------------------|
|   | 1 - Sim                           | 2 - Não  |          |      |                    |
| <b>Tempo de trabalho</b>                    |                                   |          |          |      |                    |
| De 2 a 5 anos                               | 1(100,0)                          | 0(0,0)   | 1(1,4)   | 1,38 | 1,000 <sup>2</sup> |
| Mais de 5 anos                              | 52(72,2)                          | 20(27,8) | 72(98,6) | -    |                    |
| <b>Carga Horária de trabalho</b>            |                                   |          |          |      |                    |
| Menos de 25 horas                           | 2(100,0)                          | 0(0,0)   | 2(2,7)   | 1,42 | 1,000 <sup>2</sup> |
| De 25 a 44 horas                            | 24(70,6)                          | 10(29,4) | 34(46,6) | -    |                    |
| Mais de 44 horas                            | 27(73,0)                          | 10(27,0) | 37(50,7) | 1,03 |                    |
| <b>Turno de Trabalho</b>                    |                                   |          |          |      |                    |
| Diurno                                      | 26(76,5)                          | 8(23,5)  | 34(46,6) | 1,16 | 0,354 <sup>2</sup> |
| Noturno                                     | 4(100,0)                          | 0(0,0)   | 4(5,5)   | 1,52 |                    |
| Diurno e Noturno                            | 23(65,7)                          | 12(34,3) | 35(47,9) | -    |                    |
| <b>Setor</b>                                |                                   |          |          |      |                    |
| Unidade Especializada                       | 27(77,1)                          | 8(22,9)  | 35(47,9) | 2,06 | 0,050 <sup>2</sup> |
| Unidade de Tratamento Intensivo             | 9(100,0)                          | 0(0,0)   | 9(12,3)  | 2,67 |                    |
| Centro cirúrgico                            | 6(66,7)                           | 3(33,3)  | 9(12,3)  | 1,78 |                    |
| Ambulatório e Serviço de pronto atendimento | 8(66,7)                           | 4(33,3)  | 12(16,4) | 1,78 |                    |
| Serviço de apoio hospitalar                 | 3(37,5)                           | 5(62,5)  | 8(11,0)  | -    |                    |
|   |                                   |          |          |      |                    |

<sup>2</sup>p-valor do teste Exato de Fisher

## DISCUSSÃO

Neste estudo, a maioria dos profissionais era do sexo feminino. Esse gênero possui maior suscetibilidade ao estresse, pois, além de o trabalho às vezes ser realizado em mais de um turno e em mais de um vínculo empregatício, culturalmente somam-se aos afazeres domésticos. É importante destacar que as atividades de Enfermagem, de modo geral, podem exigir um gasto elevado de força muscular e de energia física, devido à necessidade de cuidados com pacientes acamados que não conseguem movimentar-se sem auxílio de terceiros.<sup>2,20</sup>

Ao relacionar a idade com os achados da literatura, observou-se que os profissionais com mais idade sabiam lidar melhor com situações de estresse, possivelmente por terem mais experiência em sua profissão. Entretanto, em alguns setores, como o de Terapia Intensiva, como as atividades exercidas exigem agilidade, destreza e energia, qualidades geralmente vistas em profissionais mais jovens,<sup>21</sup> são estes que serão submetidos à exaustão física e psíquica e, finalmente, ao estresse. Ademais, apesar de as diferenças percentuais entre as variáveis: “estado civil” e “presença de filhos”, não terem sido estatisticamente significativas, um estudo realizado com enfermeiros atuantes em Unidades de Pronto Atendimento (UPAS),<sup>22</sup> apontou que os profissionais com filhos ou relacionamento estável tinham uma menor propensão a ter a saúde mental prejudicada.

Em relação ao turno de trabalho, alguns estudos<sup>9,21</sup> não corroboraram com o resultado desta pesquisa, a qual apontou que os profissionais os quais trabalhavam durante a noite eram mais expostos às situações estressantes de trabalho quando comparados aos que trabalhavam durante o dia e a noite. A menor proporção de trabalhadores noturnos pode ter contribuído para a discrepância entre os resultados. Apesar disso, sabe-se que os turnos rotativos podem afetar a eficiência do trabalhador, sua saúde física e psicológica, seu bem-estar e vida pessoal.<sup>21</sup>

Essa rotina de serviços desencadeia a irregularidade dos ritmos biológicos como o de sono-vigília, mais ainda do que em profissionais que apenas trabalham durante a noite. Muitas vezes, os profissionais que realizam trocas de plantão podem ficar até 24 horas no hospital. Indubitavelmente, uma carga horária de trabalho extensa pode acarretar um maior desgaste físico e mental do trabalhador, o que contribui para o estresse profissional. Além disso, foi demonstrado que a desvalorização profissional, a baixa remuneração, o enfrentamento de situações críticas durante as horas de trabalho e o sentir-se só para tomar decisões são fatores desencadeantes de estresse.<sup>23</sup>

Quanto ao setor de trabalho, a UTI (Unidade de Terapia Intensiva) foi o local com maior proporção de enfermeiros expostos a situações estressantes (quando comparada aos demais setores). E essa situação se explica pelo ritmo de trabalho intenso, desgastante, com presença constante de pacientes graves, cuja dor e sofrimento são constantemente manifestos. Como resultado, ocorre a sobrecarga emocional do profissional que atua por longos períodos nessa área.<sup>21</sup>

Em algumas UTIs, a falta de recursos humanos e de materiais interfere na qualidade do trabalho de Enfermagem, o que também contribui para o aparecimento do estresse nessa categoria. Há ainda a questão da estrutura física da unidade, o ruído dos aparelhos e o constante trânsito de pessoas são fatores que influenciam a saúde psíquica do trabalhador. Além disso, comparada com os outros setores, a UTI tem uma assistência mais especializada até pelo perfil do paciente que é mais instável e requer observação direta e frequente. Assim, existe uma necessidade constante de atualização do enfermeiro quanto aos conhecimentos técnico-científicos e ao domínio no manuseio das novas tecnologias empregadas pelo setor.

Alguns estudos<sup>20,22</sup> dão ênfase ao estresse em outras áreas como, por exemplo, no setor de emergência onde os profissionais precisam ser ágeis nos cuidados prestados (pela necessidade do cliente, ou até mesmo pelo baixo número de funcionários e pela alta demanda ou superlotação do setor). Associada a essa situação, o profissional muitas vezes precisa também aprender a lidar com a cobrança tanto dos acompanhantes dos pacientes, como dos outros integrantes da equipe de saúde.<sup>22</sup>

Além disso, o trabalhador de Enfermagem se vê triplamente pressionado pelo tempo: o tempo de ação exigido por eles mesmos; o tempo como determinação social e o

tempo requerido pela necessidade biológica da prescrição médica.<sup>20</sup> Portanto, além desse fator: tempo e da cobrança constante dos acompanhantes dos pacientes e da dos outros profissionais de saúde, pode-se colocar, como um agravante para a saúde mental do enfermeiro a falta de infraestrutura, o que também é um gerador de estresse.

## CONCLUSÃO

O estresse ocupacional pode originar sentimentos de insatisfação e frustração no trabalho, colocando em risco a integridade física e mental dos profissionais de Enfermagem. Uma forma de minimizar o estresse laboral é valorizar o julgamento e a percepção dos enfermeiros em relação ao seu ambiente de trabalho. Isso pode ser alcançado por meio da elaboração e da implementação de políticas institucionais que visem a condições de trabalho mais saudáveis e seguras.

Os resultados da presente pesquisa demonstram que apenas a variável “setor” apresenta associação com a exposição às situações estressantes de trabalho, mesmo que próxima ao limite da significância estatística. Com relação às demais variáveis, a ausência de resultados matemáticos significativos não exclui a possibilidade de existência de associação entre as situações estressantes de trabalho e os aspectos ocupacionais e sociodemográficos dos enfermeiros.

Além das variáveis pesquisadas, existem outros fatores que podem interferir na maior ou na menor exposição ao estresse, tais como sobrecarga doméstica, renda mensal e tempo de lazer. Recomenda-se, então, a realização de novos estudos para obtenção de estimativas mais representativas que explorem o estresse ocupacional e outros fatores sociodemográficos e laborais não abordados nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

1. Benk MRP, Carvalho E. Estresse x qualidade de vida nas organizações: um estudo teórico. Rio de Janeiro (RJ): FESURV; 2008.
2. Azambuja EP, Fernandes GFM, Kerber NPC, Silveira RS, Silva AL, Gonçalves LHT, et al. Significado do trabalho no processo de viver de trabalhadoras de um programa de saúde da família. *Texto & Contexto Enferm.* 2007;16(1):71-9.
3. Braverman H. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. 3ª ed. Rio de Janeiro (RJ): LTC; 2012.
4. Batistti RB, Bavaresco AM. Estudo bibliográfico sobre aspectos geradores de estresse que afetam o ser humano no ambiente de trabalho. *Unoesc & Ciência - ACHS.* 2010;1(2):139-48.
5. Antunes R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo (SP): Boitempo; 2009.
6. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo (SP): Atlas; 1994.
7. Dejours C. Entre o desespero e a esperança: como reencontrar o trabalho? *Rev CULT.* 2009;12(139):49-53.
8. Lipp MEN. Mecanismos neuropsicofisiológico do stress: teoria e aplicações clínicas. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo; 2005.
9. Silva JLL. Estresse e transtornos mentais comuns em trabalhadores de enfermagem. *Rev Eletrônica Enferm [Internet].* 2008 [acesso 2013 jul 24];10(4):1174-5. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a32.htm>.





10. Leite PM. Cultura organizacional, estresse ocupacional e queixas de sono: um estudo com funcionários de Instituto de Pesquisas do Vale do Paraíba [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de Taubaté; 2009.156 p.
11. Santos PG. O estresse e a síndrome de Burnout em enfermeiros bombeiros atuantes em unidade de pronto atendimento (UPAS) [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): UNIRIO; 2010. 106 p.
12. Limongi-França AC, Rodrigues AL. Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática. São Paulo (SP): Atlas; 2005.
13. Andolhe R, Guido LA, Bianchi, ERF. Stress e coping no período perioperatório de câncer de mama. Rev Esc Enferm USP. 2009;43(3):711-20.
14. Griep RH, Rotenberg L, Landsbergis P, Vasconcellos-Silva PR. Uso combinado de modelos de estresse no trabalho e a saúde auto-referida na enfermagem. Rev Saúde Pública. 2011;45(1):145-52.
15. Greco PBT, Magnago TSBS, Prochnow A, Beck CLC, Tavares JP. Utilização do modelo demanda-controle de Karasek na America Latina: uma pesquisa bibliográfica. Rev Enferm UFSM [Internet]. 2011 [acesso em 2011 nov 1 ];1(2):272-81. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/2566/1656>.
16. Silva JLL, Melo ECP. Estresse e implicações para o trabalhador de enfermagem. Informe-se em promoção da saúde [Internet]. 2006 [acesso 2011 nov 1];2(2):16-8. Disponível em: <http://www.uff.br/promocaodasaude/estr.trab.pdf>.
17. Gomes RLV. Absenteísmo por doença e condições estressantes de trabalho dos profissionais de enfermagem [dissertação]. Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco; 2011. 125 p.
18. Alves MGM, Chor D, Faerstein E, Lopes CS, Werneck GL. Versão resumida da "job stress scale": adaptação para o português. Rev Saúde Pública. 2004;38(2):164-71.
19. Theorell T, Karasek RA. Current issues relating to psychosocial job strain and cardiovascular disease research. J Occup Health Psychol. 1996;1(1):9-26.
20. Costa ALRC, Marziale MHP. Relação tempo-violência no trabalho de enfermagem em emergência e urgência. Rev Bras Enferm. 2006;59(3):337-43.
21. Ferrareze MVG, Ferreira V, Carvalho AMP. Percepção do estresse entre enfermeiros que atuam em terapia intensiva. Acta Paul Enferm [Internet]. 2006 [acesso em 2011 ago 27]; 19(3):310-5. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n3/a09v19n3.pdf>.
22. Jodas DA, Haddad MCL. Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. Acta Paul Enferm [Internet]. 2009 [acesso em 2011 ago 27];22(2):192-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n2/a12v22n2.pdf>.
23. Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. Rev Bras Enferm. 2006;59(5):661-5.

Data de recebimento: 22/03/2013

Data de aceite: 23/08/2013

Contato com autor responsável: Roseane Lins Vasconcelos Gomes

E-mail: [roseane\\_lgv@yahoo.com.br](mailto:roseane_lgv@yahoo.com.br)

Endereço: Av. Prof. Moraes Rego 1235- Cidade Universitária, Recife, PE, Brasil, CEP: 50670-901